



AS JOVENS PÁGINAS DA REVOLUÇÃO CUBANA: A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DA JUVENTUDE PELO PROJETO EDITORIAL DA REVISTA *MELLA* (1962-1964)

Palavras-Chave: cultura; imprensa; quadrinhos; juventude; Revolução Cubana;

Autores:

Pedro Emmanuel Ribeiro, IFCH/Unicamp

Profª. Dra. Raquel Gryszczenko Alves Gomes (orientadora), IFCH/Unicamp

Introdução: Juventude, imprensa e política cultural na Revolução Cubana

Nuestra Revolución es una revolución de jóvenes. Ao escrever estas palavras em um artigo publicado na revista *Mella*, em 14 de fevereiro de 1962, Juan Marinello, histórico militante do Partido Socialista Popular (PSP) e novo reitor da Universidade de Havana, conclamava a juventude a contribuir para com a “Reforma Universitária” empreendida pelo Estado revolucionário, a qual objetivava transformar radicalmente o antigo sistema de ensino superior. Para isso, Marinello evocava a imagem do mártir Julio Antonio Mella (1903-1929), fundador do antigo Partido Comunista de Cuba, que lutara por uma reforma universitária na década de 1920, e destacava que “Las grandes transformaciones que nos están conduciendo a la sociedad socialista, son tareas en que el aporte juvenil resulta primordial” (*MELLA*, 14 fev. 1962, p.25). A associação que Marinello fazia entre a tradição de lutas da juventude cubana, o programa de transformação da cultura política nacional objetivado pela Revolução e o papel privilegiado da juventude nesse processo integrava um padrão discursivo mais amplo daquilo que constituía toda uma *cultura da juventude* na Cuba revolucionária: um conjunto de elementos ideológicos, instituições e políticas de Estado que identificava a Revolução com um determinado ideal de juventude e colocava os jovens cubanos no centro do projeto socialista nacional, seja na posição de agentes ou de alvo dos programas revolucionários.

Tão relevante quanto o conteúdo do artigo de Marinello, contudo, era o seu veículo de publicação. Criada em 1945 como órgão oficial da Juventud Socialista, ligada ao PSP, a revista *Mella*, após seis anos na ilegalidade durante a ditadura de Fulgencio Batista, ressurgia em 1960 como publicação oficial da Asociación de Jóvenes Rebeldes (AJR), organização de massas criada pelo Exército Rebelde que congregava todos os demais movimentos de juventude no cenário estabelecido pela Revolução de 1959 e que, após uma mudança institucional em abril de 1962, transformou-se na Unión de Jóvenes Comunistas (UJC), a qual estruturava-se segundo um modelo mais restritivo de “vanguarda” da juventude (LUKE, 2007, p.145-170). De ampla circulação nacional, a revista cumpria um papel fundamental na construção e difusão da *cultura da juventude* na Revolução. A despeito da sua importância, a revista *Mella* ainda não tinha sido objeto de uma investigação particular – um sintoma da própria escassez de estudos acerca da juventude e da imprensa na Revolução Cubana.

Ambas as temáticas, todavia, são fundamentais para a compreensão das transformações ocorridas na sociedade cubana após 1959. De um lado, a juventude havia sido uma característica marcante da ideologia da *cubanía rebelde* que movera as lutas pela independência durante o século XIX e os movimentos nacionalistas e anti-imperialistas ao

longo do século XX (KAPCIA, 2008 p.90-93), nos quais os jovens tiveram protagonismo e constituíram lideranças que entraram para o panteão de heróis nacionais (GOTT, 2004, p.134-170). Isto posto, após a tomada do poder pelas forças revolucionárias, a “juventude” continuou a operar como um valor estruturante para o ideal de *Hombre Nuevo* almejado pela “nova moral” da sociedade socialista, tanto nos discursos das lideranças nacionais quanto nas políticas do Estado revolucionário, que colocavam os jovens, vistos como uma geração intocada pelos “valores decadentes” da “República burguesa”, na primeira linha da árdua tarefa de edificação do socialismo nacional, em um momento de intensas pressões políticas e econômicas. Dessa forma, desenvolveu-se uma *cultura da juventude* marcada por uma relação contraditória entre os jovens e o Estado, a qual, ao mesmo tempo em que evidenciava o protagonismo e a “rebeldia” da juventude, distanciando-se da visão negativa atribuída às *contraculturas* da juventude nas sociedades capitalistas ocidentais, circunscrevia essa “rebeldia” aos limites da ideologia revolucionária oficial (LUKE, 2007, p.234-241).

Do outro, a imprensa consistia um importante espaço de disputa em torno dos significados da “Revolução” durante o gradual e conturbado processo de radicalização para o socialismo. Ainda que, já em janeiro de 1959, todos os órgãos de imprensa que haviam apoiado ativamente Batista tivessem sido fechados, havia toda uma multiplicidade de publicações que passavam a ser oficializadas, saíam da clandestinidade ou eram criadas pelas novas instituições e ainda coexistiam com uma imprensa privada tradicional (BEAULIEU, 2013, p.53-63), cada qual com diferentes perspectivas para os rumos da revolução, Além disso, nas páginas de suplementos culturais, diferentes gerações de artistas e intelectuais travavam intensas batalhas em busca da definição do que seria a “cultura revolucionária”, muitas vezes chocando-se contra o ideal de unidade nacional demandado pelas lideranças do Estado num momento em que Cuba era alvo de uma escalada das tensões políticas em decorrência do bloqueio econômico e dos planos de invasão e desestabilização organizados pelo governo dos Estados Unidos (MISKULIN, 2003; 2009).

Ambos os eixos devem ser colocados dentro de um contexto mais amplo de transformação da cultura política cubana, realizada por meio de um processo de “socialização política” que se fazia pela participação constante da população nas campanhas de mobilização de massa (FAGEN, 1969, p.02-18). Se a juventude era o agente de vanguarda desse processo de socialização política, a imprensa era o principal instrumento para que este plano se transformasse em realidade. Ao cruzar ambas as temáticas, portanto, este trabalho busca compreender como a revista *Mella* atuava, no interior do processo de transformação da cultura política, como meio de construção da *cultura da juventude* revolucionária nos primeiros anos do socialismo cubano, destacando o ideal de juventude mobilizado pela revista, a complexidade da relação entre os jovens e o Estado socialista, os mecanismos de mobilização da juventude e as mudanças editoriais da revista no decorrer das crises econômicas nacionais e das disputas internas entre as forças que constituíam a Revolução.

Metodologia e resultados:

A pesquisa iniciou-se com movimento de leitura, fichamento e análise de 5 edições da revista *Mella* (*Mella*: n.201, 15 jan. 1962; n.202, 14 fev. 1962; n.205, maio 1962, n.?, ago.1962 e n.270, 04 maio 1964.), e de mais de 40 edições do seu suplemento cultural em quadrinhos, disponibilizadas digitalmente pela Nettie Lee Benson Latin American Collection

da Universidade do Texas. Em primeiro lugar, buscou-se identificar o ideal de juventude mobilizado pela revista: uma concepção alinhada ao *moralismo* revolucionário, à linguagem militarizada do *ethos guerrilheiro* (KAPCIA, 2008, p.92-93) e à cultura de *ascetismo político* (TEIXEIRA, 2009) presentes na ideologia oficial da Revolução, acentuados pela importância da disciplina militante para o marxismo-leninismo, que demandava da juventude a máxima perfeição, dedicação e sacrifício às tarefas a ela atribuídas pela Revolução. Essa retórica disciplinadora sofre um recrudescimento com o passar das edições, ficando mais evidente nas edições publicadas após a transformação da AJR para UJC, muito provavelmente como resultado da passagem de uma organização de massas direcionada “a toda a juventude cubana” para uma organização de vanguarda que visava formar quadros de excelência, treinados nas bases do marxismo-leninismo e capazes de direcionar o restante da juventude no cumprimento das metas estabelecidas pelo Partido (LUKE, 2007, p.155-172).

Inalcançável em sua própria essência, esse ideal parecia ser um instrumento para motivar a constante mobilização da juventude nas políticas revolucionárias, tendo em vista que a *participação* era a base do processo de transformação da cultura política da Revolução e critério mínimo de avaliação da “cidadania revolucionária”. Para isso, a revista fazia apelo às imagens daqueles que morreram para cumprir esse ideal: mártires nacionais, como os heróis da independência José Martí e Antonio Maceo; figuras históricas do PSP, como Jesús Menéndez e Rubén Martínez Villena; e, principalmente, mártires da juventude, como Conrado Benítez e Manuel Ascunce Domenech, assassinados durante a Campanha de Alfabetização (1961), além do próprio Julio Antonio Mella. Ademais, a publicação divulgava as iniciativas estatais e entrevistava os jovens beneficiados por essas políticas, construindo assim, uma narrativa idealizada e, em certa medida, paternalista, que inseria fatos comuns do cotidiano da juventude em uma *hiper-realidade* construída pela grande narrativa de *redenção moral* da Revolução (GUERRA, 2012, p.13-14; 30-31).

Em seguida, foram mapeados os seis principais eixos temáticos sobre os quais esse ideal de mobilização da juventude era sustentado na publicação. Em primeiro lugar, a educação, com destaque para um balanço das campanhas de mobilização de massa, para as novas iniciativas educacionais e para as reformulações das instituições de educação. Em segundo, o trabalho produtivo, que vai ganhando cada vez mais centralidade, na medida em que se desenvolviam os planos de industrialização do país, estabelecidos justamente em 1962, denominado o “Ano da Planificação”, em meio ao Grande Debate econômico que dividia o caminho para a industrialização entre o plano de substituição de importações por massivos esforços de trabalho voluntário, estabelecido pelos economistas “guevaristas”, e a uma linha “sovietizada” de adquirir maquinário a partir das exportações de produtos primários para o bloco socialista (KAPCIA, 2008, p.34-36; PERICÁS, 2004, p.99-137). Em terceiro, um grande estímulo ao desenvolvimento cultural e artístico da juventude, não somente por meio da divulgação das iniciativas de política cultural, como também pela publicação de poemas, críticas de cinema, histórias em quadrinhos e contos, além da realização de concursos de leitura e desenhos entre os leitores. Em quarto, a dimensão da sociabilidade, ao incentivar a integração da juventude aos espaços de lazer criados pela Revolução e reforçar a centralidade do esporte para o desenvolvimento da consciência coletiva de uma juventude revolucionária. Por fim, o tema da defesa militar, enfatizando a participação dos jovens nas Milícias Nacionais Revolucionárias, e o tema do

internacionalismo proletário, que procurava construir um sentimento de solidariedade anti-imperialista entre as juventudes dos países do bloco socialista e do Terceiro Mundo.

Ainda que centrais para o projeto editorial da revista, esses eixos se alteram de forma dinâmica no decorrer das edições, de modo que foi possível constatar que, a partir da mudança institucional da AJR para UJC, o tema do trabalho produtivo começa a ganhar cada vez mais centralidade, em consonância com a tarefa máxima de “elevar a produção” estabelecida no I Congresso da UJC, ao passo que os eixos da cultura e da sociabilidade vão perdendo espaço. Paralelamente, fez-se um levantamento da composição da equipe editorial da revista e dos autores que contribuía esporadicamente, dispondo os dados de nome, idade, atuação política e cultural em uma planilha do Excel. Dos 72 nomes levantados, 21 compunham o corpo editorial fixo, dos quais 14 tinham entre 15 e 30 anos, considerando o ano de 1962. Muitos deles já vinham de uma trajetória de militância política na Juventud Socialista do PSP, e seguiram, ao longo de suas vidas, carreiras prolíficas nas instituições culturais e midiáticas do Estado. Essa constatação confirma o argumento de Anne Luke de que, ao contrário da simples imposição vertical do discurso de *redenção moral* da Revolução, os próprios jovens participavam da construção da *cultura da juventude* oficial, evidenciando a dialética entre mobilização institucional e participação voluntária que marcava a relação entre o Estado e as massas juvenis (LUKE, 2007, p.03-11). Mesmo em uma publicação de caráter oficial, esses jovens autores encontravam espaço para a crítica e experimentação, por meio da utilização do humor gráfico e da ironia em charges e histórias em quadrinhos, características marcantes da revista desde os tempos de publicação na clandestinidade contra a ditadura de Batista. Essas margens, contudo, parecem ter se estreitado com o processo de institucionalização e as mudanças no cenário econômico. Em 1963, as histórias em quadrinhos foram deslocadas para uma publicação a parte, *Mella Suplemento Cultural*, e embora continuassem muito inventivas, adquiriram um caráter mais infantilizado, perdendo muito do humor ácido e satírico que tinham nos anos anteriores.

Por fim, cabe destacar que ao longo das edições, a figura de Fidel Castro vai gradativamente ganhando mais destaque: apenas mencionada de forma pontual nas edições dos primeiros meses de 1962, passa a estar presente em transcrições de seus discursos e fotografias que ocupam páginas inteiras na edição de 1964, ofuscando as referências à história do PSP. Essa mudança talvez possa ser explicada pela crise política que se estabeleceu em março de 1962, quando diversos membros do PSP foram expurgados da liderança da maioria das instituições estatais, após ter sido descoberto um plano de golpe de Estado organizado por quadros do partido (BANDEIRA, 2009, p.451-463). Com o PSP enfraquecido, o socialismo cubano se subsumia ao *fidelismo*, uma “religião cultural” de transformação material e moral centrada na figura heroica de Fidel Castro (GUERRA, 2012, p.30-31), aquele que conferia unidade à nação e se colocava como grande liderança da juventude. Este processo, contudo, não parece ter sido harmônico para os editores da revista. Na edição de 1964, a equipe editorial estava quase completamente alterada e a publicação assumia um caráter muito mais próximo de um noticiário tradicional, precedendo o seu fim no ano seguinte, quando seria substituída pelo jornal *Juventud Rebelde*.

Conclusões

Por meio desta pesquisa, verificou-se que a revista *Mella* foi um instrumento fundamental para a difusão e consolidação de uma *cultura da juventude* que colocava os

jovens como agentes privilegiados de um processo de transformação da cultura política, o qual se dava, por sua vez, por meio da intensa participação nos programas revolucionários. Analisadas sob uma perspectiva gramsciana de intercâmbio dialético entre a “sociedade civil” e “sociedade política” (GRAMSCI, 2007, p.222-223; p.244; p.265), muitas vezes confundidas no socialismo (BUSTAMANTE, 2019, p.14), as páginas da publicação também demonstram que, nessa relação com o Estado, a juventude desempenhava um papel ativo, ao tomar para si a direção de uma publicação oficial, rememorar suas tradições de luta desde os anos 1920 e experimentar os limites da arte e da crítica política por meio de charges, textos satíricos e histórias em quadrinhos. Tanto esse ideal quanto essa relação, contudo, não eram estáticos e estavam em intensa disputa. A mudança institucional da AJR, uma organização de massas dominada pelos antigos membros da Juventud Socialista, para a estrutura de vanguarda da UJC, a qual parece ter sido fruto da crise política mais ampla entre o PSP e o Movimento 26 de Julho e do contexto do Grande Debate econômico pela industrialização do país, parece ter tido consequências drásticas para a publicação. A retórica disciplinar foi recrudescida, as pressões pelo engajamento no trabalho produtivo aumentaram, as referências à história do PSP desapareceram, o humor satírico foi relegado a uma publicação infantil e praticamente toda a equipe editorial foi reformulada. A publicação aderiu enfim ao *fidelismo*, a nova ideologia oficial da Revolução. Mas já era tarde demais. Remetendo a uma história de disputas internas que abalava a imagem de unidade almejada pelo *fidelismo*, justamente em um setor social que era visto como a vanguarda da Revolução, a revista *Mella* estava fadada a desaparecer. Afinal, diante de Fidel, o jovem Mella tornara-se velho demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BEAULIEU, Sarah. **Política Cultural y Periodismo en Cuba: Trayectorias Cruzadas de la Prensa Oficial y de los Medios Independientes**. 2013. Tese (Doutorado em Literatura Espanhola) - Faculdade de Filosofia y Letras, Universidad de Granada, Granada, 2013.
- BUSTAMANTE, Michael J. Cultural Politics and Political Cultures of the Cuban Revolution: New Directions in Scholarship. **Cuban Studies**, Pittsburgh, n.47, p.03-18, 2019.
- FAGEN, Richard R. **The Transformation of Political Culture in Cuba**. 1 ed. Stanford: Stanford University Press, 1969.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 3 ed. Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- GUERRA, Lillian. **Visions of Power in Cuba: Revolution, Resistance, and Redemption, 1959 – 1971**. 1 ed. Chape Hill: The University of North Carolina Press, 2012.
- KAPCIA, Antoni. **Cuba: a history since the fifties**. 1 ed. Londres: Reaktion Books, 2008.
- LUKE, Anne. **Youth Culture and the Politics of Youth in 1960s Cuba**. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - School of Humanities, Languages and Social Sciences, University of Wolverhampton, Wolverhampton, 2007.
- MISKULIN, Silvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. 1ed. São Paulo: Xamã Editora, 2003.
- _____. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. 1ed. São Paulo: Alameda Editorial, 2009.
- PERICÁS, Luis Bernardo. **Che Guevara e o debate econômico em Cuba**. 2 ed. São Paulo. Boitempo: 2018.
- TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.